

A N G Y O N E C O S T A

A INQUIETAÇÃO
DAS ABELHAS



Pimenta, de Mello & Cia. — Rio de Janeiro — 1927

Texto disponível no site: <http://www.dezenovevinte.net/>



Angyone Costa visto pelo lapis de Henrique Cavalleiro

ANGYONE COSTA

A INQUIETAÇÃO DAS ABELHAS

(O que pensam e o que dizem os nossos
pintores, esculptores, architectos e
gravadores, sobre as artes plasticas
no Brasil)



Rio de Janeiro
PIMENTA DE MELLO & CIA.

1927

*A José Marianno Filho,
Eurico Valle
e Peregrino Junior.*

INTRODUÇÃO

A INQUIETAÇÃO DAS ABELHAS

As Artes, como todas as expressões espirituaes, atravessam neste minuto uma phase de transição. A mentalidade que se está formando, depois da paz européa, agitou as reservas de pensamento, apuradas no longo trabalho de fermentação que o seculo XIX produziu, sem nada estabelecer de definitivo ou estavel. O homem de agora assiste ao desenvolvimento da sua propria tragedia intima sem acertar o caminho que o leve ás claras fontes de belleza, fóra das quaes a litteratura, as artes plasticas, as artes da harmonia, só logram produzir fructos mofinos. O momento é de confusão, busca imprecisa, indecisão de vontade e de valores. As lettras se amesquinham numa intrincada balburdia de modelos que a todos os espiritos perturba; as artes se debatem á conquista de novos ideaes que digam com melhor expressão da "maneira" por que o homem moderno encara o mundo.

Arte é sensibilidade; sensibilidade renovação. O homem de agora não pensa como pensava o homem de um seculo atraz. Não pensa nem sente as mesmas paixões. O que interessa a um periodo da humanidade não interessa a outro. A arte serve de espelho para reflectir esta evolução. Não pára, não póde apegar-se a fórmulas definitivas e eternas. Tudo nella é transitorio. No pequeno periodo de uma vida humana a comprehensão dos valores estheticos se modifica.

O exemplo do impressionismo é recente.

Claude Monet, em 1874, expõe o seu famoso quadro de levante de sol, intitulado *Impression*. A critica não o poupa. Procura destruil-o, atacando, pelo ridiculo, o trabalho do mestre. Todas as settas ervadas de maldade são-lhe atiradas. O proprio nome de *Impressionisme*, que começa a apparecer nos jornaes, é dado como expressão pejorativa, para designar os que pintavam á nova maneira, de que Monet se revelava o maior.

Quinze annos após, em 1889, Monet consegue retumbante consagração, na mostra que reúne, na galeria Georges Petit. Ganha dinheiro. E' respeitado. Sente que triumphou. A gloria abre-lhe os braços. A fama de mestre

se consolida. O preço dos seus quadros augmenta. Aquelles que haviam custado cem francos, quinze annos atraz, passam a ser disputados a cincoenta mil.

E' a consagração, o triumpho absoluto, e é principalmente a comprovação de que os valores estheticos se renovam e adquirem esse character amavel de transitoriedade, que reveste todas as cousas humanas, dadiva mais bella deixada pelos deuses, em sua rapida passagem sobre a terra, para alegria dos homens.

Os velhos motivos já não suggerem e nem despertam uma nobre e perfeita idéa de arte. Si todos os assumptos, neste momento, se remoçam, mais do que os assumptos, a technica da arte pictural está soffrendo profundas modificações. Passaram Cabanel, Corôt, Manet, o proprio Monet, Cézanne, fascinante creador de telas inundadas de sol. Isto em composição, em pay-sagem, em quadros de genero. Em quadros de batalha, em retratos, em arte decorativa, nota-se a mesma evolução. Os grandes pintores francezes, da metade do seculo findo, como os formidaveis retratistas inglezes, de que Constable serve de padrão, estão assistindo ao apparecimento de outros valores, á criação de uma pintura que diga mais pronunciadamente da sua época, creando novas tonalidades e nuanças, dando ás coisas e ás creaturas o ambiente psychologico da sociedade contemporanea.

Como seria possivel pintar o homem revoltado, o operario que fez o "soviet", demoliu monarchias, utilisando os mesmos recursos technicos, a mesma "maneira" applicada para pintar o artifice bisonho dos começos do seculo XIX, antes das barricadas e das revoluções liberaes de que a de 1848, em França, foi o rastilho e o alarme?

Como pintar a paysagem da época do avião, das travessias oceanicas em trinta e quatro horas, maximo de actividade que cerebro e musculos humanos attingiram, empregando os mesmos tons delicados, amortecidos, a mesma technica convencional, manejada pelos artistas do seculo passado?

Como pintar a propria expressão humana eternamente dentro das linhas impeccaveis dos melhores retratistas inglezes?

Não é possivel.

O artista tem de evoluir, pintar ao seu tempo, esculpir de accordo com o sentimento do dia, gravar no bronze emoções de agora, projectar edificações compatíveis com as exigencias actualizadas da vida. A função cerebral não deve parar na cópia vulgar, diminuindo a força creadora do pincel e re-

duzindo-o a simples lente photographica, a renovar os mesmos motivos que cinco seculos continuados, de artes plasticas, banalizaram.

Ha, com effeito, uma forte modificação de valores e a pintura e a estatuaria, preferencialmente, como expressões plasticas reveladoras de alta sensibilidade, não podem parar no rythmo que accelerou a intelligencia dos artistas de cincoenta annos atraz.

O mundo lateja, contemporaneamente, numa ansiosa pesquisa. Todos os pendores mobilizados pela intelligencia se movimentam em effervescencia mais aguda do que a que caracterizou a Renascença, considerada a época de ouro das artes plasticas. Não é possivel, pois, que só as artes em nosso paiz estacionem perante a evolução que se opera no mundo e modifica, nas suas fontes, os elementos componentes da sensibilidade humana. Sentimos, pelo contrario, que a arte brasileira se agita, e constróe, e edifica, plasticizando-se, rigorosamente, dentro do rythmo movimentador do pensamento moderno.

Todos os povos trabalham.

O Brasil, coherente com a sua civilização, que se processa, neste momento, por etapas avançadas, toma larga parte no debate. Este livro vale, justamente, como demonstração das idéas que ventila, e pela expressão individual que, de cada um dos nossos artistas, reproduz. E' um honesto e exacto documento das tendencias contemporaneas da arte no Brasil. Aqui falam os consagrados pintores, que continuam a obra de Pedro Americo, Victor Meirelles, Almeida Junior, Aurelio de Figueiredo. Ha a controversia, as paixões, o élan da lucta que marca as individualidades dos Bernardelli, Amôedo, Visconti, Parreiras, Eduardo de Sá. Tambem as suas paginas reflectem o pensamento intimo, por vezes desabusado, dos artistas mais novos. Encontra-se, nos capitulos a seguir, o grito de revolta, a amargura dos incompreendidos, dos que luctam com a aspereza do meio e forçam, a golpes de talento, as portas da notoriedade. E ha, igualmente, a opinião moderada dos artistas mais moços, vigorosos e combativos, como o Sr. Henrique Cavalleiro, todos dando ao debate uma intensa vida bastante a justificar a publicação, em volume, das entrevistas a seguir. E' a inquietação das abelhas...

Da exposição de correntes philosophicas, tendencias artisticas, preferencias litterarias, expostas pelos artistas brasileiros, apura-se uma justa medida que define, fielmente, o nosso meio. O debate é completado pela sinceridade de criticas e opiniões que, uns aos outros, nestas paginas, elles se fazem.

Por vezes, nesses capitulos, ha vibrações, conceitos duros e amargos, de plena responsabilidade de quem os dictou, que não poderiam, por isso mesmo, deixar de figurar em volume. O Sr. Professor Rodolpho Amoêdo, por exemplo, usou de inflexivel franqueza, sem pedir reservas ao jornalista, por occasião de nos facilitar a sua agradavel palestra. Ha, na sua pagina, traços severos, vergastadas inflammadas, riscos em agua-forte que, apesar de esmaecidos mais tarde, em declarações posteriores, por elle feitas á imprensa, não devem ser omittidos agora. Livro de sinceridade, documento revelador da formação artistica e do character de cada um dos artistas aqui reunidos, esse trabalho ficaria mutilado se apresentasse, desfigurado em sua essencia, qualquer dos conceitos emittidos na serie de entrevistas que publicámos na imprensa diaria desta capital.

Mas das entrevistas que se vão ler, a seguir, será possivel tirar uma illação sobre os valores estheticos e mentaes dos artistas vivos do Brasil?

E' exactamente o que esta introdução procura facilitar.

Nas paginas adeante estão representados os maiores pintores, esculptores, gravadores e architectos do Brasil de hoje e aquelles que, ainda tal não podendo julgar-se, se firmam, entretanto, com qualidades capazes de lhe definirem relevo entre os nossos legitimos artistas. Este livro, traçado com a nervosa pressa jornalistica da sua organização inicial, não póde comportar, em bôa razão, uma critica. E' um livro de impressões, de traços largos, a procura de um debuxo de cada individualidade aqui presente. Entretanto, não deve dispensar uma referencia, breve e honesta, relativamente ao meio artistico do Brasil, neste momento. Pelo menos, uma tentativa de opinião sobre cada uma das figuras, cujos nomes têm resistido ao cartaz. Na impossibilidade de vizar pessoalmente a todos os artistas, entrevistados na "Inquietação das Abelhas", procurei expressar um conceito sobre algumas das principaes figuras que este livro agita.

Comecemos por aquellas de mais brilhante passado, maior grandeza e relevo ornamental. Seja o primeiro o mestre Rodolpho Amoêdo. Pintor de quadros formidaveis, na sua mocidade, quando pensionista da antiga Academia Nacional de Bellas Artes, em Paris, Amoêdo deu ao Brasil, nessa phase, trabalhos que honram a qualquer mestre, da pintura universal. De regresso ao Brasil, entretanto, nada produziu de comparavel. Confinou-se em traba-

lhos inferiores que serviram á critica para acerar settas ferinas sobre a vida e os talentos do pintor.

Seriam esses ataques desarrazoados e injustos?

Não nos quer parecer. Os seus trabalhos de decoração do Conselho Municipal, os paineis de danças do Theatro Municipal, os dois quadros escuros e de concepção acanhada, encommendados e um, apenas, collocado no Museu Ypiranga de S. Paulo, si bem que isto pese dizel-o, são obras de decadencia. Falta-lhes largueza de imaginativa, vibração de colorido, equilibrio da idéa central. O proprio Sonho da Noite com que o salão conferiu ao artista a medalha de honra, dada em homenagem aos seus trabalhos da mocidade, está muito longe de se approximar dos primores que são o Ultimo Tamoyo, a Partida de Jacob, o formoso nu de carnes rosadas da pinacotheca official, e as outras mostras fortes, reunidas pelo seu pincel, no museu de arte da Escola.

Outro artista a que devemos referencia especial é Henrique Bernardelli. Contemporaneo de Amoêdo e seu rival no premio de viagem da Escola, Bernardelli, em nosso julgamento, não subiu tanto como Amoêdo; nem os seus grandes trabalhos foram tão numerosos como os daquelle pintor. Os Bandeirantes são, incontestavelmente, um dos nossos melhores quadros, mas já Mesalina, si bem que forte, não se hombrêa com outros paineis do seu emulo e rival. Em compensação, Bernardelli não teve declinio, manteve-se no meio termo para onde muito cedo a sua pintura evoluiu. E esse meio termo, no qual Tarantella serve de ligação da phase culminante é, evidentemente, superior, como concepção e execução, a tudo quanto Amoedo executou no Brasil. Nos quadros de Henrique Bernardelli, pintados aos sessenta annos, mantem-se fresca a imaginativa e feliz no seu todo harmoniosa factura. Henrique Bernardelli é um pintor que, na segunda metade da vida, sem marcar uma evolução accentuada, consegue, entretanto, pintar bellos quadros, nos quaes o colorido é uma maravilha, e o seu pincelar seguro, um prodigio de concisão.

Falemos, um pouco, do mestre Antonio Parreiras. Esse estimado artista, na lucta permanente em que vive, não quer desaparecer do tablado, legando sómente ao paiz o nome de paysagista. Embora pintor admiravel de paysagem, acha que é pequeno esse titulo para quem dispõe de talento de tão vastas proporções. Não deseja ficar apenas como autor de Sertanejas e de tantas obras primas, deste genero, espalhadas no Brasil. E vae dahi pinta a figura, pinta a têla historica, pinta o nu. Não é possivel affirmar-se que seja, em nenhum desses generos, um pintor positivamente mediocre. Entretanto,

força é confessar que Parreiras devia conservar-se paysagista e animalista, generos nos quaes o seu talento pintural se expande e attinge a grandes alturas, jámais excedidas e poucas vezes igualadas, na pintura brasileira. Mais acertado andaria applicando a sua viva intelligencia e o fulgor da sua velhice, na pesquisa continuada da paysagem brasileira, procurando definitivamente resolvel-a, não á maneira italiana ou franceza, que por vezes os seus quadros reflectem, mas como a legitima expressão de sol e luminosidade peculiar ao Brasil. Apesar do conceito do critico Flexa Ribeiro de que o Brasil tem muita luz e nenhuma luminosidade, varios artistas novos vão conseguindo traduzir impressões do nosso sol, em quadros de grande belleza. Não seria para Antonio Parreiras um motivo capaz de encher de gloria o fim aureolado da sua carreira de artista? Nem todo artista pôde sentir o jogo das figuras nos grandes quadros de composição e de historia. Para que revestir Tiradentes de punhos e pafos de renda, numa evidente deturpação da scena, da verdade e da narrativa? As terras onduladas, resequidas ou fartas, as montanhas, aguas e vargens, do Brasil, ahí estão, no seu rythmo offuscante de côres, a se ofertarem ao pintor, de talento e imaginativa, que as desejem reproduzir.

Vejamos agora, Visconti. Elysêo d'Angelo Visconti teve durante alguns annos atrelado ao seu carro de triumpho a admiração do Brasil. Merecia-o. Era um renovador, um creador, um insatisfeito, dentro dos largos horizontes da sua arte, clara e harmoniosa. Ao contacto do seu pincel ou da sua paleta maravilhosa, as télas se desdobravam em trabalhos da mais perfeita e segura execução. São desta phase os paineis do decorador do Municipal, do decorador do Conselho, e outras obras que marcam o desdobramento ascencional, do periodo tambem luminoso, dos seus nus, pintados ao sahir da Escola. Desse momento para cá, entretanto, Elysêo Visconti regrediu, senão regrediu, parou. E' um heroismo e um exemplo de alta força moral, vel-o resistir á ameaça do tempo, tentando fórmulas, pesquisando tons, realizando conquistas, insatisfeito sempre com o que faz, na hora presente. Mas sem desatenção pela formosa capacidade do mestre, convém reconhecer que não está longe o começo do declinio, de que alguns dos seus quadros actuaes apresentam o traço triste, da fria confirmação. Sotaque bahiano e algumas de suas mostras de agora, estão longe do Samothrace, do Beijo, do retrato magnifico de Nicolina Vaz.

Não queremos provocar o derrotismo em torno do mestre aureolado; mas em boa ethica este livro não pôde deixar de assignalar, com melancolia, o momento delicado que Visconti está vivendo.

Os pintores vivos dessa geração se completam com os Srs. Eduardo de Sá, Decio Villares, Pedro Alexandrino, Oscar Pereira da Silva. Dos tres ultimos, pouco podemos dizer, porque ha muitos annos se encontram ausentes do Rio de Janeiro. Por exposições parciaes, quadros aqui apparecidos, é possível, entretanto, affirmar que esses tres valores pararam, nada produzindo comparavel ás grandes télas pintadas na mocidade. De Decio Villares, podemos com melhores elementos assegurar o seu absoluto declinio e, de Pedro Alexandrino, o mais justo conceito que a sua arte pode inspirar á nossa critica, é que, a sua fabrica de artefactos, tachos e metaes, se mantem a mais variada e perfeita, da pintura nacional. As suas naturezas mortas continuam a dar bons preços no mercado, embora o mestre já se haja habituado a "trucs" normaes para conseguir determinados effeitos, especialmente quando pinta metaes. De Eduardo de Sá, nos occuparemos mais largamente ao tratarmos dos esculptores. Sobre esse artista, não ha exaggero em affirmar que a sua arte parou, no gosto convencional dos quadros de fundo escuro e amarello, á maneira deturpada de Cabanel, duros, rigidos, hieraticos, dentro da concepção philosophica a que o seu espirito se amoldou.

Desse grupo notavel de pintores vivos da mais velha geração brasileira, é possível tentar, numa synthese, o quadro comparativo seguinte: Rodolpho Amoedo é a decadencia; Pedro Alexandrino, banalizou-se; Bernardelli e Parreiras, pararam; Visconti, o mais avançado de todos, e sensivelmente mais moço que os outros, se atira a uma lucta formidavel, para não desmerecer das conquistas de poucos annos atraz. Este conceito poderá ser atacado pela rudeza com que o seu autor o divulga; mas não tem a intenção de deprimir a nenhum dos grandes mestres, que souberam constituir depois de Pedro Americo, Meirelles e Almeida Junior, as obras de arte mais bellas de que se orgulham os nossos museus e galerias. A nossa convicção será errada, mas integralmente sincera. Não esquecer que em paysagem ninguem igualou Parreiras.

Entre os estatuarios, Rodolpho Bernardelli póde considerar-se o mestre acatado, sem contestação um dos maiores esculptores americanos. O seu nome não é apenas nacional, constitue um patrimonio da arte contemporanea. Citado nos compendios de estatuaria, Rodolpho Bernardelli é um dos legitimos motivos de orgulho do Brasil. Cerebro que não envelhece, mão que não treme, Rodolpho Bernardelli se nos apresenta, nos seus trabalhos de agora, com o mesmo vigor da mocidade, seguramente com capacidade, si tanto fosse preciso, de realizar, em nossos dias, a maravilha do Christo e a Adultera, e esses primores de baixos-relevos ornamentaes, dos monumentos

ao Marquez de Herval e a Caxias. Corrêa de Lima e Eduardo de Sá, depois de Bernardelli, recebem as justas preferencias do publico. Corrêa Lima tem algo de Carpeau, na sua feição actual, mas é incontestavelmente um artista de individualidade definida. Tendo apparecido com pequenas figuras, dedica-se, actualmente, a esculpturas de grandes massas. Eduardo de Sá, como estatuario, merece uma referencia especial. Intelligencia subtil e aguda, nesse artista se chocam o temperamento do cabôclo e o sentido de belleza dos hellenos. Imbuído de ideal philosophico, a sua arte não produziu uma obra prima e estiola-se dentro de formulas rigidas, que a prejudicam, nos seus grandes delineamentos, deixando ao esculptor, apenas, os pequenos detalhes. As figuras componentes do monumento a Floriano são bem uma prova da asserção, muito embora a affirmativa do Sr. Rodolpho Amoêdo, de que varios grupos ornamentaes do pedestal da estatua não têm centro de gravidade e só não cahem por extranho prodigio de equilibrio!

Dos esculptores, que podemos chamar da segunda geração, o Sr. Antonino Mattos apparece com uma obra já consideravel, onde avulta o seu monumento aos heróes da retirada da Laguna, a ser inaugurado no Rio. É um trabalho de responsabilidade e acabado em condições de dar nome ao seu autor. Os Srs. Modestino Kanto e Magalhães Corrêa esculpem figuras fortes. Modestino Kanto é um psychopatha de quem se deve esperar, segundo as contingencias da vida, ou a realização de uma obra prima ou a producção de bonecos de fancaria. Não terá meio termo. Tem condições para crear um grande nome; mas, pode tambem annular-se e se nivelar na mais chata mediocridade. Será o rumo material da vida que lhe indicará os horizontes da arte. Essa fatalidade está na sua psychose, no destino do seu temperamento, incoherente e morbido. Nesta primeira phase, em que o seu talento estagna, improductivo e nullo, trabalhado por amargo scepticismo que o faz descreer dos homens, Modestino Kanto apresenta uma estatua de vastas proporções, *On ne passe pas*, obra forte por qualquer lado que a critica procure observar-a. Outros esculptores deixam de figurar neste livro, não sendo possivel, entretanto, esquecer-lhes aqui os nomes. O Sr. Cunha Mello é um destes. Professor da Escola Nacional de Bellas-Artes, este esculptor é um artista que procura fazer, discretamente, bustos de chefes de Estado. O Sr. Francisco de Andrade, nome muito discutido, possui, entretanto, fortes qualidades de estatuario. Os Srs. Armando Braga e Zacco Paraná são dos mais assiduos cooperadores do salão annual de bellas-arts, onde o primeiro, sobretudo, tem apresentado esplendidas amostras. Dos mais novos, os Srs. Laurindo Ramos e Faes Leme, artistas que vão forçando a attenção, reclamam justamente a

inclusão de seus nomes aqui. Os Srs. Celso Antonio e Brecheret constituem duas individualidades novas, pouco conhecidos, no Rio, por terem seguido, muito cedo, para a Europa, conquistando, o segundo, apreciavel renome, em Paris, com as amostras de sua arte, forte, a que os francezes não têm negado calorosos elogios. O Sr. Brecheret, nas poucas vezes que tem vindo ao Brasil prefere ficar em S. Paulo, a vir expôr no Rio, de onde mais facilmente irradiaria a sua fama pelo paiz. O Sr. Celso Antonio, nas ultimas horas, tem sido muito discutido aqui.

Não é favor citar, nestas paginas, o nome do Sr. Rodolpho Pinto do Couto. Nascido em Portugal, transportou-se ha muitos annos para o Brasil, onde se casou com a esculptora patricia D. Nicolina Vaz, dedicando a sua brilhante capacidade ás artes, em nossa patria. O Sr. Pinto do Couto é autor de uma série de pequenos e admiraveis trabalhos, como uma cabeça de Ruy Barbosa e uma Cabeça de velha, de propriedade do Sr. Jorge de Souza Freitas, que lhe asseguram um lugar de relevo na esculptura brasileira do momento. Pinto do Couto é naturalizado brasileiro e vive presentemente em São Paulo.

Entre os pintores que se seguem aos nomes lembrados avultam, nas paginas adeante, marcadas individualidades estheticas. O Sr. Lucilio de Albuquerque e D. Georgina de Albuquerque pesquisam a pintura moderna e, o primeiro, com um destaque singular, renova a sua arte, desopprimindo-a das indecisões de sua primitiva phase. Estudando Lucilio de Albuquerque, é justo reconhecer que a sua maneira inicial, antes de partir para a Europa, geralmente não agradava. Os seus quadros dessa época são duros, de inspiração acanhada e de factura imperfeita. Duras e verticaes são as figuras do seu *Anchieta pregando aos gentios*, como as de outras composições pintadas no mesmo tempo. Mais tarde, ao contacto do impressionismo, que o artista foi encontrar no seu apogêo em França, Lucilio de Albuquerque transforma-se. A sua arte se alegra, enroupa-se de novos tons, a sua conquista de ar livre é perfeita. Faz-se, mesmo, o introductor da nova escola no Brasil. O seu quadro *Despertar de Icaro* revela uma nota nova na pintura do momento. Os que se seguem, marcam a mesma evolução. Não chega a produzir obras primas, mas os seus envios são bons. De todos os trabalhos que realizou nessa época, o nu da Escola de Bellas Artes é o quadro de mais fresca inspiração. Mais tarde, compõe a obra forte da sua galeria, o retrato de D. Georgina, sua esposa e amiga. Neste trabalho observam-se grandes qualidades, as mais completas do pintor. Sente-se que apesar da dureza de certas linhas o retrato de D. Georgina ficará como a obra modelo de Lucilio.

Mas já que exgottamos a obra de Lucilio, occupemo-nos dos trabalhos de sua companheira. D. Georgina é uma pintora de côres claras, segurança de desenho e bôa technica de factura. Comparada com o marido, Lucilio se nos apresenta como um pintor de maior inspiração, mas menos feliz na technica. As suas côres, os tons de que usa, o agrupamento e distribuição das figuras, nos quadros de composição, não se ajustam tão bem como os de Georgina. Em compensação falta a esta muito de inspiração interior e, na pesquisa de effeitos de sol, tem dado á carnação de alguns dos seus nus femininos uma coloração evidentemente falsa, de leite, rosa e gelatina. Alguns quadros desse genero dão a impressão de que uma luz collocada atraz da figura principal encheria de reflexos o primeiro plano da téla. Perdôe-nos, D. Georgina. Mas desejaríamos vel-a preocupar-se menos com os effeitos de luz sobre as fórmas femininas e empregar o seu magnifico talento em composições de mais responsabilidade, que não constituam variações do eterno thema da moça deitada, casta e ingenua, ao sol. Ha de confessar que o seu talento pôde produzir muito mais.

Taes pequenos senões em nada diminuem os merecimentos da artista, que é uma organização exuberante de talento, capaz de muito fazer pelas artes brasileiras. Tem sensibilidade, calor e vocação e atira-se a resolver as difficuldades da sua arte com o entusiasmo de creança. Quem assim confia em suas forças, muito poderá fazer pelas artes. Georgina e Lucilio são dos nomes de mais relevo da moderna pintura do Brasil.

O pintor Pedro Bruno é outro artista de valor, grande surpresa do momento. A sua arte é limpa, harmoniosa, a sua paysagem cheia de claridade e exactidão. Será um forte pintor de nu se trabalhar nesse genero. Pedro Bruno sacrifica a sua arte allegando pobresa de modelos. Outros são os motivos que o impedem de trabalhar. Bruno é como João Timotheo um artista a quem as contingencias da vida tornaram defezo o estudo de nu. Têm o pavor do modelo feminino. Resente-se deploravelmente desta fraqueza a arte de um e de outro. O prejuizo se observa nas contorsões duras e nos deslocamentos anatomicos de algumas das figuras mais bonitas de mulher que Pedro Bruno tem pintado. Isso quanto ao delicioso pintor de Paquetá. Relativamente a João Timotheo, o prejuizo é maior, veda totalmente ao artista o direito de pintar a mulher, de onde as suas magnificas figuras serem exclusivamente dorsos e perfis de rapazes. Parece que um santo horror ao peccado ou um terror infinito de cair, afasta esses dois pintores da tentação da mulher. E é uma pena, porque o verdadeiro artista nunca deixa de vêr na mulher nua, collocada diante da téla, o modelo. E sem o estudo constante do

modelo, não ha artista que vença as difficuldades do nu. A menos que pinte troncos de ephebos e dorsos de athletas, á maneira de João Timotheo.

Justo é, entretanto, confessar que Pedro Bruno e João Timotheo são dos mais fortes figuristas das nossas gerações novas. Tambem na paysagem muito têm produzido, sobretudo Pedro Bruno.

Segue-se a esses dois artistas, a personalidade de Edgard Parreiras. Pintor consciencioso e interessante, Parreiras precisa, entretanto, sahir algum tempo do Brasil. A sua paysagem é bem estudada, mas a sua interpretação carece de individualidade e de renovação. E' muito agarrado á necessidade de acabar bem, e quem sente o temperameno verdadeiramente artistico desse pintor, lastima que elle venha a confinar-se pintando coisas com tendencias a oleographias, como os quadros de molduras sumptuosas, do Sr. Levino Fanzeres. Para corrigir esse perigo o pintor necessita sahir, quanto antes, do Brasil. Edgard Parreiras ainda está na phase em que todas as conquistas são-lhe faceis de obter.

Com a mesma severidade já não se pôde falar dos dois Chambelland. Um e outro procuram dar um vigor especial ao impressionismo, ensolando as suas telas, jogando com os effeitos de luz, procurando traduzir com sinceridade a luminosidade do céu. Carlos Chambelland, na sua ultima phase, parece nessa pesquisa querer exceder o irmão.

O Sr. Helios Sellinger é, em nossa pintura, um caso á parte, dentro das tendencias mysticas da influencia germanica de sua arte. Ha muito de encantador na sua pintura e uma directriz de que se não afasta imprime caracter pessoal aos seus trabalhos.

Podemos dizer, quanto ao Sr. Paula Fonseca, que é um artista que pinta com carinho, esforçando-se por se distanciar da primitiva feição, recebida na Escola. Puro Baptista da Costa, de quem foi alumno, quiz deixar de pintar á maneira desse mestre e, até agora, procura, baldadamente, uma feição estabevel para a factura dos seus quadros. Os seus trabalhos actuaes revelam a indicição que o surpreendeu, em Paris, ao abandonar as pégadas do mestre, sem ter ainda adquirido qualidades que lhe permittissem dar outro vigor á sua technica. Está numa phase em que não se sabe o que sahirá dalli. Poderá sahir um paysagista regular ou um figurista mediocre.

Um pintor, victima da timidez do seu temperamento, é o Sr. Augusto Bracet. Alguns dos seus nus, não fosse esse traço avivado do seu caracter, seriam dos nossos bons quadros, no genero. Mas o Sr. Bracet parece ter medo de que a sua pintura chame a attenção do publico. O Direito de asylo é o seu melhor quadro, como composição, como technica, apesar da perspectiva em

parte sacrificada. Todo primeiro plano, é occupado por uma linda figura de mulher, que centraliza o movimento da t ela. O desenho   firme, o colorido, feliz. O artista, por m, ao pintar os seios, ao pintar o ventre, se amedontou com a opini o e disfarçou os tons; onde devia precisar com vigor, para melhor harmonia geral, Bracet attenuou, suavizou, prejudicando o modelo, estragando o quadro, trahindo a sua concep o. O nu do Direito de asylo n o   um symbolo, uma figura diaphana;   uma authentica e esplendida mulher, que foge pelos percal os da carne  s furias da multid o. Depois desse quadro, o pintor nada fez que possa ser julgado melhor e sente-se que o artista nelle exgottou tudo o que tinha de dar.

Para o Sr. Henrique Cavalleiro, faz-se preciso abrir capitulo. Esse pintor  , sem favor, o mais moderno, o mais forte, o mais acertado artista das novas gera es brasileiras. Magnifico talento e cultura litteraria emprestam   sua personalidade uma vigorosa fei o, que o torna inconfundivel, no meio. O seu reaparecimento, de regresso da Europa, foi uma surpresa e uma revela o. Alguns o condemnaram, pelo imprevisto dos seus tons, no meio da apathia de c eres empregadas pelos nossos pintores em geral; a maioria dos bons julgadores, todavia, applaudiu as suas audacias, reputou apreciaveis os trabalhos que ao velho senso esthetico de alguns repudiava. Guardando a sua personalidade, defendendo-a de maneira vigorosa, Henrique Cavalleiro logrou, por m, muito cedo fazer-se respeitar e, j  hoje, o seu nome n o provoca mais as restric es de que era alvo anteriormente. Henrique Cavalleiro impoz a sua maneira como objecto de muito estudo, observa o e individualidade e n o   exaggero affirmar que a sua pintura creou aspectos novos, que os nossos artistas, se j  conheciam, at  ent o n o haviam praticado. E' um pintor que pinta n o o que os outros pintaram, mas o que elle proprio quer pintar.

Outro artista moderno, de fei o bem differente, entretanto,   o Sr. Marques Junior. Pintor de c eres vivas, de permanente frescura, mas alindado em exaggero, esse artista   um paciente pesquisador do nu, genero no qual vae obtendo resultados. E', entretanto, muito amaneirado e j  n o se apresenta com a bella promessa radiosa, dos seus envios de Paris.

Da terceira gera o de pintores, cheia de nomes vigorosos, o acaso proporcionou-nos ouvir os Santiago, Manoel e D. Hayd a, o principe Paulo Gargarin, D. Sarah Figueiredo e Virgilio Lopes Rodrigues. Manoel Santiago, estudioso e chelo de viva intelligencia, j  se apresenta muito forte nas excellentes tentativas de brasilidade, que revestem a sua pintura, accentuadamente regional, cheia do colorido, de tons fortes e quentes da natureza tropical. D. Hayd a Santiago, pintora de muita applica o e vigoroso ta-

iento, dedica-se a trabalhos de composição, levando, annualmente, ao "salon", telas de responsabilidade. Os ultimos trabalhos de D. Haydéa Santiago são muito fortes, vendo-se que ella se approxima e algumas vezes supplanta os merecimentos do marido. Parece que é sorte dos nossos pintores casados com pintoras deixarem sempre que a estas fique o primeiro logar. Serão as reservas do amor que levarão o homem ao sacrificio da vaidade ou dar-se-á que, realmente, as mulheres pintem melhor? De D. Haydéa e Manoel Santiago ainda muito se póde esperar, porisso que são dois trabalhadores imperterritos, ligados pelo amor e pela arte, no mesmo sonho efficiente e concreto. O Sr. Paulo Gargarin, principe russo, mas pintor e cidadão brasileiro, está dando, neste momento, uma grande lição, com a sua pintura rigorosa de pesquisa de côr, na qual elle consegue, com facilidade e sentimento real daquillo que deve ser a pintura brasileira, traduzir com expressão o céu, a luz, as cambiantes de mattas, montanhas e aguas do Brasil.

Paulo Gargarin não comprehende que se pinte a natureza equatorial do Brasil com a tonalidade gris e bruna das paysagens européas e está seguramente por isso, creando alguma coisa de novo e de notavel, na pintura brasileira. Só falha lamentavelmente quando pinta a figura, mesmo chamando-a de retrato, obrigado a sessões de poses. De D. Sarah de Figueiredo, póde dizer-se um temperamento cheio de sentimento e ternura feminina, que se observam no seu ar dolente e que ella transmite, em algumas de suas telas, com vigorosa expressão. Dedicase preferencialmente á composição de retratos em que procura reproduzir a finura de imagem, a delicadeza de colorido dos retratistas inglezes. Nesta especialidade deve ser considerada uma artista apreciavel.

Virgilio Lopes Rodrigues, que não é um novo, apparece neste livro como o expoente do "amadorismo", em pintura, dedicando como faz, ha muitos annos, todos os seus momentos de folga, ao pincel. Possui uma copiosa collecção de quadros em cujo numero ha varias tentativas felizes.

Neste grupo de artistas, que chamamos da terceira geração, nomes ha, de pintores e desenhistas, que não foram ouvidos, mas, nem por isso, podem deixar de ser contemplados, com uma referencia aqui.

Candido Portinari, sentimento dos mais brilhantes da pintura de retrato, André Vento, scenographo magnifico e decorador, Manoel Constantino, Guttmann Bicho, Luiz Fernandes de Almeida Junior, Francisco Manna, Teruz, Oswaldo Teixeira, Manoel Faria, Vicente Leite, Orozio Belém, Prado Kelly, Gaspar de Magalhães, Dakir Parreiras, Gilda Moreira, Euclides Fonseca, Gastão Formenti, Leopoldo Gottuzo, pintor, musico e escriptor, Her-

nani de Irajá, também litterato, medico e musico, Miguel Caplonch, José Marques Campão, Annibal Mattos, Balthazar da Camara, Domenech, Genesco Murta, Armando Vianna, Ivonne Visconti, Trompowsky, Corrêa Dias, Roselle Torres, Alvim Menge, Maria Silva, Porciuncula de Moraes, Tarcila Amaral, Fedora Rego Monteiro, Sylvia Meyer, Taborda Junior, Zina Aita, actualmente residindo em Paris, Mario Tullio, Quirino, Jordão de Oliveira, Fausto Gonçalves, todos com uma personalidade bem firmada. E outros, mais novos, cheios de possibilidades de victoria, como Emilia Marchezini, Edith de Aguiar, Hilda Eisenhor, Heraclito Ribeiro dos Santos, Cezar Turatti, Hilda Soares Torres, Irene Ribeiro de França, Domingos Dias da Silva, J. Seelinger Fleury, Eduardo Bevilacqua, Luiz Kattembach, Lupercio Ferraz, Miriam Falcão Lima, Maria Francellina de Barros Falcão, Odilon Paiva, Murillo Gonçalves de Souza, Germinal Artesi, Olga Maria Pedroso, Odette Castello Branco, Francinet Alves, Palmyra Pibernat Pedra, Padua Dutra, Joaquim da Rocha Ferreira, Affonso Dias Martins, Adelaide Desierto Nascimento, Alcebiades de Noronha Miranda, Solange Hess Frontin, Alfredo Galvão, Agenor de Barros, Raul Pedroso, Moema Guimarães Natal, Wanda Turatti, Zelia Ferreira, Puresa Cardoso, Waldemar Ferreira Braga, Suzanna Mesquita, Oswaldo Teixeira da Rocha, Sarah Costa, Roberto Rodrigues, J. Carlos, Celso Kelly, Cornelio Penna, todos valores e expressões novas, dos quaes a critica ainda não encontrou base segura para conscienciosamente falar. Muitos delles têm exposto coisas que promettem, outros são mediocridades desanimadoras. Não é possivel, entretanto, deixar de reconhecer que, dentre esses rapazes e moças, ha alguns nomes capazes de conseguir, pelo esforço continuado, crear um nome entre os artistas do Brasil. Os quatro ultimos citados nesse grupo, revelam vivo talento e uma moderna concepção adiantada da arte de desenhar.

Ainda entre os pintores, ha outros nomes fortes que não se enquadram nessa geração, dentre os quaes, alguns, dos mais fortes da arte brasileira, não puderam, por circumstancias differentes, figurar neste livro. Fóra, entretanto, um ou outro que escape, não devem deixar de ser lembrados, Mario Navarro da Costa, forte marinhista; Levino Fanzeres, que abandonou a arte para fazer commercio; Carlos Oswaldo, D. Regina Veiga, Calixto Cordeiro, Raul Pederneiras, Theodoro Braga, Belmiro de Almeida, Paulo Valle, J. Wast Rodrigues, Reis Junior, Pedro Weingarthner, Eugenio Latour. Estes artistas, alguns pela sua prolongada convivencia no estrangeiro, outros por se encontrarem residindo nos Estados, outros ainda, por já não viverem da arte, não puderam ser estudados, nestas paginas, com o carinho e o destaque que lhes desejaríamos

dar. Esta explicação vale como justificativa desses evidentes senões, de que o livro se resente, ao lado de varios outros que a feição dispersiva e fragmentaria de uma obra jornalística desculpa.

Para dar uma idéa completa das artes plasticas, contemporaneas, no Brasil, julgamos opportuno juntar ao livro as entrevistas que nos concederam o gravador Adalberto Mattos, os architectos Nerêo Sampaio, Edgard Vianna, Raphael Galvão, Morales de Los Rios Filho e Nestor de Figueiredo e, bem assim, o estheta José Marianno Filho, brilhante mentalidade de intellectual e de artista, evocador intelligente da nossa architectura tradicional, de que elle soube fazer-se, com o "panache" de um cavalleiro á antiga, o mais destemido luctador.

Outros nomes poderíamos citar, como os escultores José Rangel, Honorie Peçanha, Humberto Cavina, Maria S. Meyer, Paulo Mazzuchelli, Orestes Acquarone, Vicente Larocca, Yayá Castro, Monteiro da Silva, Carlotinha Nascimento Silva e os gravadores Leopoldo Campos, Herminio José Ferreira, Francisco Gomes Marinho, Arlindo Bastos, — dando a cada um o respectivo lugar, mas este livro cresceria extraordinariamente, em proporção e volume, excedendo de muito a medida commum, o que nos obriga a limitar a nossa impressão á referencia que aqui deixamos traçada, englobadamente.

As entrevistas com os architectos são de responsabilidade directa dos respectivos autores, cabendo-nos o trabalho de apresentação de cada um dos entrevistados, feita no proprio inquerito. Julgamos ter realizado, neste livro, um objectivo altamente interessante, para o nosso meio artistico, parecendo-nos que, com o plano a que obedecemos, na sua feitura, ficam em parte attendidos os desejos de quem procure estas paginas como documento informativo do nosso meio artistico. Muito embora o proposito de occultar a nossa propria personalidade, para que esse trabalho constituísse exclusivamente um instrumento reflector das emoções de nossos artistas, expressão graphica da intelligencia e do character de cada um, pareceu-nos indispensavel a apresentação que aqui fazemos, onde o autor mais desembaraçadamente procura personalizar, directamente, o mundo artistico contemporaneo do Brasil.